

**A ESCRITA, A LEITURA E A PERFORMANCE:
RASTROS DE MEMÓRIAS NO FACEBOOK**

Ocinei Trindade de Oliveira (UENF)
ocinei@gmail.com

RESUMO

Este artigo reflete acerca da escrita e da memória na rede social digital Facebook, onde se pratica e se consome uma suposta literatura ou transliteratura (esta inspirada em alguns conceitos do filósofo Theodore Holm Nelson, criador do termo "hipertexto"). Produções textuais, audiovisuais e hipertextuais fragmentadas na rede social podem colaborar para eventuais funções literárias, biográficas e autobiográficas. Destacam-se nesta atividade, a construção de memórias e narrativas confessionais que são identificadas ao longo das postagens ou publicações na rede social em questão. Estas memórias, por meio de textos escritos, fotografias e vídeos, têm contribuído para práticas literárias coletivas e transformações de hábitos entre leitores/autores.

Palavras-chave: Memória. Redes sociais. Transliteratura.

1. Introdução

Na literatura, as memórias também integram narrativas biográficas e autobiográficas. Nas últimas décadas, além de livros publicados sobre personalidades que tenham alcançado projeção ou destaque social, pessoas comuns também passaram a contar parte de suas rotinas e acontecimentos pessoais na Internet. Os blogs e as redes sociais digitais como o *Facebook* substituíram o antigo diário íntimo, formando esse tipo de expressão e manifestação do *eu vivido* por meio de *posts* escritos, fotografados ou filmados por dispositivos eletrônicos. São bilhões de pessoas que se utilizam dessas ferramentas que, ao narrarem fatos e publicarem fotos, contam um pouco de quem são e o que pensam. Voluntária ou involuntariamente, acabam produzindo memórias dentro de um potencial universo literário eletrônico na *web*.

De acordo com o filósofo e sociólogo americano Theodor Holm Nelson, mais conhecido como Ted Nelson, o presente e o futuro apontam para a efetivação de uma *transliteratura*. Um dos pioneiros da tecnologia

da informação, nos anos 1960, Theodore Holm Nelson criou os termos *hipertexto*, *hipermídia*, *transclusão*, *transcopyright* e *virtualidade*. Nos últimos anos trabalha para a consolidação de seu projeto *Transliteratura*¹⁰. Para ele, trata-se de um aperfeiçoamento e expansão do hipertexto que deve fugir da imitação do papel em tela.

A *transliteratura* proposta por Theodore Holm Nelson pretende-se como um novo gênero universal, destinado a unificar documentos eletrônicos e mídia, apagando limites de formato e facilitando o problema de direitos autorais (é frequente o número de problemas e processos na Internet envolvendo escritores, músicos e cineastas, entre outros, quanto ao pagamento pelos direitos das obras). Com exceção dos direitos autorais, as outras práticas de uso da informação e o compartilhamento de documentos em rede têm sido exercidas livremente. A literatura foi além de antigos limites desde a execução do hipertexto na *web*. Defensor contumaz do texto eletrônico, Theodore Holm Nelson vê na *literatura* e na *transliteratura* uma das principais razões para a existência da Internet:

Os tekkies acham que os documentos eletrônicos e a World Wide Web são algo completamente novo e que eles próprios, exatamente como todas as gerações de adolescentes acham que inventaram sexo, e é o segredo deles. Mas não é novo e eles não os possuem. O processamento de texto e a World Wide Web não são intrinsecamente novos. Eles são *literatura*. O que é literatura? Literatura é (entre outras coisas) o estudo e o design de documentos, sua estrutura e conexões. Portanto, os documentos eletrônicos de hoje são a literatura, a literatura eletrônica é a questão, é o que a literatura eletrônica realmente precisa. (NELSON, 2007, tradução nossa).

Encontramos ainda em Katherine N. Hayles (2009), uma série de reflexões e defesas acerca do texto eletrônico e de sua disponibilização também em rede. Na obra, a autora analisa algumas comparações que costumam ser feitas com o texto impresso. Para ela, a literatura contemporânea já nasce digital:

Tentar ver a literatura eletrônica apenas através da lente da obra impressa é, de forma significativa, não vê-la. Este capítulo visa a fornecer (de forma incompleta) o contexto que abrirá o campo de investigação para que a literatura eletrônica possa ser entendida como parte integrante da tradição literária, e a introduzir transformações cruciais que redefinam o que é literatura. A literatura eletrônica, geralmente considerada excludente da literatura impressa que tenha sido digitalizada, é por contraste, “nascida no meio digital”, um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de computador e (geralmente) lido em uma tela de computador. (HAYNES, 2009, p. 20)

¹⁰ Disponível apenas na Internet em www.transliterature.org

2. *Palavras, imagens e memórias em rede*

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre a memória relacionada àquilo que costumamos escrever; sejam anotações particulares, sejam documentos, listas, publicações nos quais podemos aparecer (papéis de identificação escolar, notícias de jornal ou até receituários médicos, entre outros); além das imagens que são frequentemente extraídas de nós, como filmes, fotografias, vídeos, por exemplo, e que podem auxiliar na construção de uma biografia ou autobiografia. Os objetos e escritos auxiliam na construção de memórias, associam-se às nossas lembranças e experiências. Uma vez preservados, conduzem-nos à recuperação e à manutenção de fatos de nossa existência. Cartas e fotografias são algumas dessas possibilidades de reminiscências, fragmentos de uma vida.

As memórias fazem parte da trajetória de qualquer indivíduo. Os elementos materiais antes mencionados compõem algum tipo de registro acerca de nossa trajetória. Na ausência deles, a tradição oral era, e ainda é, um antigo recurso recorrente, que ajuda a contar a história de vida por meio de nossos pais, avós, bisavós. Ainda através da cultura e vivências coletivas de uma comunidade, de um povo ou de país somos narrados de algum modo. Com a rede mundial de computadores, tornamo-nos ainda mais acessíveis quanto à localização e à identificação. Dados pessoais, muitas vezes alheios à nossa vontade, estão disponibilizados no ciberespaço. São vestígios e provas de que alguém passou pelo planeta em determinada época, e isto é contribuição para a composição e recuperação de memórias.

Segundo Antônio Houaiss (2009), é possível entender por *memória* pelo menos quinze significados diferentes, sem contar com algumas subdivisões apontadas dentro do segmento da informática (memória permanente, Rom, Ram, primária, secundária, virtual, volátil etc.). Em *memória*, verificam-se ainda as seguintes definições:

(...) nome, reputação; exposição escrita ou oral de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos sequenciados; relato, narração; função geral que consiste em reviver ou restabelecer experiências passadas com maior ou menor consciência de que a experiência do momento presente é um ato de revivescimento (...); relato que alguém faz frequentemente na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular; memorial... (HOUAISS, 2009, p. 1271)

Publicar memórias tornou-se relativamente comum nos últimos tempos. Acredita-se que, ao fazê-las conhecidas, surgirá algum tipo de

contribuição histórica ao ser assimilada e compartilhada. Jeanne Marie Gagnebin (2009) interroga-se duplamente em determinado momento: por que hoje falamos tanto em memória, em conservação, em resgate? E por que dizemos que a tarefa dos historiadores consiste em estabelecer a verdade do passado? Ela se reporta a Walter Benjamin sobre “o conceito da história”. Segundo ele, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ele cintila num instante de perigo” (GAGNEBIN *apud* BENJAMIN, 2009, p. 40). Em outro instante, a ensaísta suíça afirma:

O historiador que toma consciência do caráter literário, até mesmo retórico, *narrativo* de sua empresa, não corre o risco de apagar definitivamente a estreita fronteira que separa a história das histórias, o discurso científico da ficção, ou ainda a verdade da mentira? E aquele que insiste sobre o caráter necessariamente retrospectivo e subjetivo da memória em relação ao objeto de lembrança, ele também não corre o risco de cair num relativismo apático, já que todas as versões se equivalem se não há mais ancoragem possível em uma certeza objetiva, independente dos diferentes rastros que os fatos deixam nas memórias subjetivas e da diversidade de interpretações sempre possíveis a partir dos documentos existentes? (GAGNEBIN, 2009, p. 41)

As indagações se referem mais especificamente aos levantamentos em grandes feitos ou investigações históricas. Elas também se aplicariam na busca por *verdades* acerca da vida de uma determinada pessoa. Jeanne Marie Gagnebin se apropria do pensamento de Paul Ricoeur¹¹ (2009, p. 43) que considera que a história é simultaneamente narrativa (as histórias inumeráveis que a compõem) e processo real (sequência das ações humanas em particular; “que a história como disciplina remete sempre às dimensões humanas da ação e da linguagem e, sobretudo, da narração”).

Ao analisarmos os escritos pessoais de um indivíduo em livro, blog, e até mesmo em redes sociais digitais, percebemos que dados que se tornam públicos e conhecidos por leitores, em algum momento futuro, poderão servir de recursos para buscas futuras de registros de memórias. A data e o contexto histórico auxiliam nesse resgate referente a um fato pessoal ou coletivo de uma sociedade ou nação, por exemplo. Nossas ações tendem a cair no esquecimento. Quando nos deparamos com fotos ou escritos pessoais antigos, costumamos nos surpreender, em muitas ocasiões, e, às vezes, nem conseguimos identificar com precisão tal acon-

¹¹ Filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005), citação de *Réflexion faite*, Paris, Esprit, 1995, p.74-5.

tecimento pretérito materializado em papel ou imagem.

Na rede social Facebook, há uma função de recuperação de memória. Aleatoriamente, o serviço prestado aos usuários seleciona um determinado fato ocorrido em uma data de anos anteriores. Com esta lembrança, o usuário pode rever suas ações e momentos íntimos de outrora, compartilhá-los (ou não) com seus seguidores fotografia, texto ou vídeo que foram postados no passado. Por ser comum caírem no esquecimento, quase sempre as histórias remotas causam algum tipo de espanto ou contentamento quando voltam à tona na rede social, assim como acontece em qualquer circunstância da vida. Se alguém estiver cadastrado na rede social desde 2004, por exemplo, e se fez no mínimo uma publicação por dia ao longo desses anos, contará com mais de 4700 (quatro mil e setecentos) registros aproximadamente (até este período de 2017). No entanto, há pessoas que postam bem mais que uma atividade por dia no Facebook, contribuindo, portanto, com um número ainda mais elevado de relatos, e conseqüentemente, com mais dados para a memória de sua existência na rede social.

O volume de escritos em blogs e em uma rede social digital pode superar facilmente o número de páginas de livros com teor biográfico ou memorialístico. Em *Quase tudo: memórias* (2005), a escritora Danuza Leão apresenta relatos de sua vida em 223 páginas. A obra classificada como memórias autobiográficas publicada pela Companhia das Letras, oferece aos leitores dezenas de fotografias desde sua infância, passa pela fase de modelo internacional, casamentos, filhos, a relação com a irmã também famosa (a cantora Nara Leão), o período em que comandou a noite carioca com festas grandiosas em boates e discotecas nos 1970 e 1980, os altos e baixos na vida financeira nos anos 1990, mortes de ex-maridos, pai, filho, irmã e da mãe, destacando ainda alguns fatos que antecedem o período de lançamento do livro na metade dos anos 2000. Quase uma vida toda em duas centenas de páginas. Já os adeptos de redes sociais digitais não dispõem desse rigor cronológico, mas se assim quiserem registrar suas vidas, poderão fazê-lo sem impedimentos, “sem limites”. Contudo boa parte das pessoas preferem relatar o cotidiano do *hoje* a cavar fatos que exijam da memória de *ontem* (apesar de o *presente* em qualquer período da história estar condenado a se tornar *passado* futuramente).

Em um livro de memórias como o escrito por Danuza Leão, o autor tem total liberdade para narrar e destacar em seus relatos aquilo que mais lhe convier ou lhe interessar, sem falar das limitações de lembrar

um fato ocorrido (ao final do livro, Danuza agradece ao cartunista Millôr Fernandes e ao jornalista Mario Sérgio Conti por lembrarem coisas que de ela não se lembrava mais). Em um blog ou em uma rede social digital, os rastros de memória são deixados voluntária e involuntariamente. Nem sempre seus autores compreendem a real dimensão de supostas repercussões que venham causar a partir de algum fato revelado e compartilhado. Para Schittine, o escrito íntimo garante a memória do diarista sobre sua trajetória. Por meio da escrita, o autor se sente próximo da imortalidade. O diário virtual tenta desenvolver as funções de memória de si mesmo e a de ser lembrado pelos outros. Segundo ela, essas funções na Internet ocorrem de maneira diferente, “já que o funcionamento da memória do indivíduo também mudou com o uso da internet e dos novos meios de comunicação” (2004, p. 22):

Bombardeado por uma grande quantidade de informação, o indivíduo se torna ansioso por não perdê-la. Assim sendo, cria mecanismos de armazenamento e arquivismo, para os quais os meios de comunicação contribuem. Esses meios procuram viabilizar uma manutenção exaustiva da memória, mas ao mesmo tempo contribuem para a sua perda. Como formam uma excelente memória artificial, tornam preguiçosa a memória natural. A princípio, o autor utiliza o blog como um desses mecanismos que vão ajudá-lo a arquivar a própria memória (um “guarda-memória”, na bela expressão de Lejeune). O novo tipo de diário íntimo funciona dentro de um meio de comunicação, que é a internet, e ainda permite, pela rapidez e compreensão do tempo, armazenar o máximo de informação no mínimo de tempo. Ele é capaz de acompanhar o fluxo de pensamentos do indivíduo, garante o armazenamento artificial deles, mas não garante que o próprio indivíduo seja capaz de lembrá-los depois. (SCHITTINE, 2004, p. 22)

Embora não faça menção ao Facebook, podemos nos valer das considerações de Schittine sobre os blogs e a memória, para as compararmos também à escrita dos usuários que participam da rede social digital, já que estes também costumam publicar coisas e fatos de si mesmos, gerando um volume de informações e reminiscências que podem ser esquecidas, mas recuperadas a partir dos registros feitos nas páginas virtuais do site de relacionamentos. Embora nem todos os diaristas tenham ambições literárias, Schittine nos aponta o valor documental e literário de escritos pessoais, exemplificando alguns autores que fizeram de seus diários grandes obras, seja utilizando-os como base para um livro de ficção ou autobiografia, seja usando trechos inteiros dos diários para dar valor histórico a algum escrito. Entre os nomes, estão Simone de Beauvoir, Michel Leris e Jean-Paul Sartre (2004, p.24).

De acordo com Gordon Bell e Jim Gemmel (2010), caminhamos

para a era da revolução da memória. A acumulação de informações sobre o mundo e sobre nós mesmos na Internet, nos suportes físicos ou digitais, será utilizada em programas tecnológicos para a construção da Memória Integral¹² composta por *e-memories* ou memória eletrônica. Desde que nossos dados pessoais se tornaram conhecidos na rede mundial de computadores, deixamos de ser anônimos. Nossos nomes e números de identificação pessoal figuram em listas de bancos, empresas, órgãos e instituições governamentais, além de vários websites de buscas por informações. As redes sociais digitais também são componentes que se destacam quanto aos dados pessoais fornecidos ao público, em pesquisas que visam a mostrar quem somos, onde vivemos, com quem nos relacionamos, nossas profissões e ocupações, além de gostos e preferências sobre qualquer assunto que disponibilizamos. O Facebook é um desses bancos de dados biográficos, responsáveis por armazenar informações e *memórias*.

Para os autores Gordon Bell e Jim Gemmel de *O Futuro da Memória: como essa transformação mudará tudo que conhecemos* (2010), todas as imagens em fotos, vídeos, além de documentos, escritos pessoais, todos os registros pertencentes a um indivíduo poderão ser digitalizados e arquivados na *e-memory*, um dispositivo mantido em nuvem para consulta. Em uma realidade cada vez mais próxima (a partir de 2020, afirmam os dois cientistas), as pessoas contarão cada vez mais com o auxílio de memórias externas e artificiais. Eles descrevem três tipos de memórias com as quais lidamos desde os primórdios:

A memória procedural, às vezes denominada memória muscular, destina-se a capacitações físicas, como andar de bicicleta, dançar balé e digitar; a *memória semântica* codifica significados, definições e conceitos – fatos que você sabe que não estão ancorados em tempo ou lugar, como “um gato tem quatro patas” ou, “a capital do Japão é Tóquio”; a *memória episódica*, às vezes chamadas de autobiográfica, codifica experiências de seu passado. É ela que lhe permite saber das coisas que aconteceram no passado e vivenciá-las novamente. (BELL & GIMMEL, 2010, p. 44)

Ainda de acordo com os especialistas, a memória biológica é falível e, diferentemente de um computador, o cérebro não armazena com fidelidade grande volume de detalhes. O cérebro é melhor em armazenar padrões, significados e *gestalts*. Eles apregoam que qualquer coisa poderá ser facilmente gravada na *e-memory* na era da Memória Integral:

¹² Originalmente chamada por *Total Recall*, faz parte do projeto MyLifeBits de C.Gordon Bell e Jim Gemmel, cientistas da computação ligados à Microsoft, empresa referência no setor pertencente ao bilionário Bill Gates

A memória biológica é subjetiva, fragmentada, distorcida por emoções, filtrada pelo ego, impressionista e mutável. A memória digital é objetiva, não passional, prosaica e inclementemente precisa. Em nosso cérebro, memória, atenção e emoção conspiram de várias maneiras para distorcer, comprimir e editar o tempo e as experiências de vida. Por outro lado, uma câmera de vídeo, o olho de uma e-memory, jamais pisca ou sai de foco, nunca fica sonhando acordada, nem filma a mesma coisa duas vezes. Uma câmera registrará uma hora de tráfego de pedestres em uma calçada com a mesma fidelidade que testemunhará uma hora de um sangrento genocídio (BELL & GIMMEL, 2010, p. 46-47)

Contar e gravar histórias fazem parte da construção de nossa memória e, no universo digital, não é diferente. Quando se busca por detalhes de nossa vida, recursos como fotos, vídeos e escritos pessoais costumam ser acessados por nós ou por pesquisadores. Para os dois cientistas da computação, o registro oral de uma história de vida é insubstituível, apesar de outros artefatos serem às vezes mais precisos. Entretanto, apesar do evanescer das memórias, o testemunho de alguém acerca de si deve ser valorizado, mesmo com toda a tecnologia disponível. Para eles, compartilhar memórias é essencial e enriquecedor:

O panorama de nossas e-memories se enriquece quando as compartilhamos. O valor de se compartilhar mídia já fica evidente em Websites de vídeo e fotos com esse propósito, como o Flickr e o YouTube. O Facebook nos demonstra quanto apreciamos os comentários de outras pessoas sobre nossas fotos. Pense em uma reunião de família ampliada, organizada para comemorar o aniversário da matriarca, e com várias pessoas fotografando e filmando. Se toda essa mídia for compartilhada e havendo alguém perspicaz na família que acrescente comentários, destaque os momentos-chave ou agrupe esse material de alguma forma, todos se beneficiarão (BELL & GIMMEL, 2010, p.117)

Para construir uma e-memorie, segundo eles, são necessárias algumas etapas, como a utilização de equipamentos eletrônicos como *smartphones*, uma unidade de GPS, uma câmera digital, um computador pessoal, uma conexão de internet para registros de depoimentos, momentos íntimos e de alguma localização espacial. Ainda nas tarefas dos dois cientistas, um escâner deve ser utilizado para copiar livros de literatura, livros de endereços, calendários, cadernos de anotações, fotografias, música, filmes e vídeos pessoais. Tudo isto deve passar por um processo de digitalização e armazenamento. Dados de saúde, anotações e contar histórias pessoais ajudarão na concretização da construção de uma *lifelogging* [registro de vida] memória integral, garantem os pesquisadores. Se prestarmos atenção, essas práticas já vêm ocorrendo com a participação de indivíduos em redes sociais digitais nas quais costumam compartilhar dados pessoais em textos e imagens, promovendo, assim, uma fonte de

memórias acessíveis. Para Gordon Bell e Jim Gemmel, a privacidade caminha para a extinção ou já acabou para sempre com o advento da Internet:

Se lifelogging se tornar life-blogging, então os sucessores do Facebook e do Twitter poderão vir a ter registros detalhados de cada parâmetro de sua vida, como localização, dados biométricos, sons e visão. Imagine, por um instante, que todas as memórias sejam compartilhadas. Alguém, então, poderia sonhar em fazer um data-mining¹³ de todas essas memórias, em busca do bem comum, de um modo muito semelhante àquele no qual minhas memórias pessoais serão pesquisadas para meu próprio bem. (BELL & GIMMEL, 2010, p. 179)

Memórias registradas no tradicional livro biográfico ou autobiográfico, documentos pessoais, blogs ou redes sociais digitais encontram no leitor sua principal finalidade. Se queremos ser lembrados em tempos vindouros, sempre caberá ao leitor atualizar nossos escritos e memórias. Na Internet, independentemente do tema, o leitor encontra no hipertexto uma série de ligações a informações que permitem acrescentar novos dados aos nossos conhecimentos, e, desse modo, a memória tem a chance de ser ampliada e retroalimentada. Como ingrediente do texto e da literatura, a memória concede oportunidade de revista, revisita e recuperação do tempo ou de uma determinada época. Quando se referiu ao livro eletrônico e à leitura no ciberespaço com vários níveis textuais e links, Villaça apontou o seguinte cenário:

Não importa tanto o estilo da escrita, mas o estilo de leitura. Escrever em rede não teria a ver com a literatura no sentido clássico do termo, mas com a medição de novos territórios no espaço temático, com o estabelecimento de paisagens textuais e concepção da escrita e da leitura como um ato nômade de deambulação. O leitor seria um dândi ou um detetive informático para navegar na leitura da Internet, ou seja, leitura orientada hipertextualmente. (VILLAÇA, 2002, p. 108)

Acreditamos que esta interpretação também poderia ser adequada à leitura de escritos íntimos no ambiente virtual, sejam blogs, websites ou páginas e perfis de redes sociais digitais como o Facebook, sem compromisso com linearidade e com possibilidades de ligações a outras páginas e textos disponíveis em redes dentro da Internet. Aos que se lançam a contar histórias aparentemente simples ou banais e aos que se dedicam a preservar a História do passado em empreitadas científicas, Jeanne Marie Gagnebin (2006, p.191) aponta que tais situações só se concretizam

¹³ Expressão inglesa relacionada à Informática que significa mineração de dados

com a capacidade linguística do homem, chamado por ela de “estranho animal” que é capaz de dizer “eu me lembro” e “eu prometo”, ou então “eu me lembro da minha promessa” e “eu prometo me lembrar”. Inspirada em concepções de Paul Ricoeur e Friedrich Nietzsche¹⁴ para discorrer sobre a memória, Jeanne Marie Gagnebin ressalta, ainda, que continuamos a viver apesar da morte, dos mortos, dos horrores, do passado e do presente:

A escrita da história é sim atravessada pela morte, como afirmava o deus solar do *Fedro*¹⁵; mas se o historiador luta contra o esquecimento (Heródoto) e trabalha para cavar um túmulo, seu gesto recorda simultaneamente aos vivos que nenhuma memória poderia torná-los inesquecíveis, isto é, eternos. Assim, a história luta igualmente contra este esquecimento primevo que nos é tão caro: o esquecimento de nossa própria morte. (GAGNEBIN, 2006, p. 192)

Quando nos deparamos com uma profusa escrita no ciberespaço, nem sempre atentamos à qualidade e à finalidade dos textos pessoais ou íntimos compartilhados. Paul Zumthor (2014), ao analisar a literatura, a poesia, a performance e a teatralidade, destaca uma característica genuinamente humana, segundo ele: a de um indivíduo rebelar-se diante do mundo por meio da escrita. No capítulo em que trata de *performance e recepção* (2014, p. 47), o poeta e estudioso suíço fala da necessidade de convergência de três elementos que constituem a literatura e a poesia: um grupo de produtores de textos, fabricando objetos que se poderiam qualificar poéticos ou literários; um conjunto de textos com um valor em si próprio, qualificado de literário, poético ou outra designação em contextos culturais distintos; e, por fim, a participação de um público recebendo esses textos como tal:

Pode-se, portanto, considerar o uso linguístico de uma comunidade humana como uma rede de práticas tendo por finalidade a comunicação e a apresentação, porém, estruturadas de tal modo que necessariamente uma entre elas, metamimética, vise à linguagem como os outros visam o mundo. É a esta prática, como tal, que eu chamo (na sequência de outras...) *poética*. (ZUMTHOR, 2014, p. 49)

A poética e a poesia também podem ser exploradas e analisadas no ciberespaço. As redes sociais ajudam a promover o acesso do leitor a esses textos, possibilitando, ainda, interação com autores e poetas. Em se tratando de escritura íntima em redes sociais como o Facebook, ou em

¹⁴ Filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900)

¹⁵ Texto filosófico escrito por Platão por volta de 385-370 a.C.

microblogs como o Twitter¹⁶, há espaço e liberdade para textos de todos os estilos e discursos disponibilizados ao público heterogêneo conectado à rede mundial de computadores. Para Paul Zumthor, a linguagem tem função comunicativa e insere-se no tempo biológico. Quanto ao discurso poético e à escrita, ele comenta:

Tentativa de arrancar os discursos à fragilidade de sua condição temporal: o que é verdade da poesia como tal não o é menos verdadeiro quanto à escrita. Todos os autores, de McLuhan¹⁷ a Walter Ong¹⁸, que há trinta anos estudaram a história e seus efeitos, concordam neste ponto: na aventura humana a escrita surgiu como uma revolta contra o tempo; e, passados milênios, ela conserva ainda esse primeiro elã. Neste sentido, poesia e escrita tendem, por meios não comparáveis, ao mesmo fim. É isto mesmo que funda aquilo que chamamos a literatura. Um encontro saboroso se produziu entre a linguagem poética e essa técnica extraordinária da escritura que ela encontrou em seu caminho. (ZUMTHOR, 2014, p. 50)

Com a Internet, o texto e o hipertexto transitam no ambiente virtual com a fluência e a velocidade que a rede lhes confere. Se a escrita alcança maior acessibilidade e prática por parte dos indivíduos conectados, *a voz e a imagem* também encontram espaço em narrativas que se destacam em canais de vídeos como o YouTube¹⁹ e no próprio Facebook. Nota-se que este site de relacionamentos é o que mais permite e pratica compartilhamentos de vídeos audiovisuais de qualquer natureza provenientes de outras redes sociais digitais existentes na Internet. São trechos de filmes, telenovelas, telejornais, números musicais, palestras, cenas domésticas ou gravações caseiras feitas em câmeras fotográficas, filmadoras ou em telefones celulares. Performances poéticas e musicais são exibidas em páginas de usuários adeptos a estes tipos de arte, além das narrativas pessoais feitas de improviso ou não.

Os recursos tecnológicos tornaram mais fáceis e ágeis a produção, a gravação e a exibição de imagens e narrativas. Algumas performatizações são feitas em sites pessoais ou em canais como o YouTube, mas

¹⁶ Rede social fundada em 2006 por Jack Dorsey, Noah Glass, Evan Williams e Biz Stone, em São Francisco, Califórnia, EUA.

¹⁷ Herbert Marshall McLuhan (1939-1980), filósofo e intelectual canadense que vislumbrou a Internet 30 anos de sua invenção.

¹⁸ Walter Jackson Ong (1912-2003), padre e filósofo americano, professor de literatura inglesa.

¹⁹ Site fundado em 2005 por Chad Hurley, Jawed Karim e Stevie Chen, que permite carregar e compartilhar vídeos em formato digital

também são postadas exclusiva e diretamente no Facebook. Alguns vídeos atingem enorme audiência e repercussão. Um exemplo de êxito em vídeos no Facebook é o da atriz e comedianta Marcela Tavares. Ela possui quase 3,5 milhões de seguidores na rede social. Suas performances variam entre o discurso crítico de cunho social ou político, mas há vários roteiros sobre a vida cotidiana interpretados com bastante humor. Marcela se intitula como a primeira *facebooker* da rede social no Brasil. O termo remete aos *youtubers*, pessoas que possuem canal no YouTube e realizam vídeos com algum tipo de performance.

O sucesso de público de alguns *facebookers* e *youtubers* com os vídeos que exibem nas redes provocou um fenômeno curioso nos últimos anos. Muitos textos narrados e interpretados por eles foram transformados em textos escritos e se tornaram livros de enorme vendagem no mercado editorial. No Brasil, além da carioca Marcela Tavares, estão entre os *best sellers* o *youtuber* do Piauí, Whindersson Nunes que possui 18 milhões de seguidores em seu canal; e a *youtuber* paranaense Kéfera Buchmann com mais de 10 milhões de pessoas inscritas em seu canal. São influenciadores digitais que acabam atuando no mercado de livros impressos e eletrônicos, inseridos no contexto de cultura de massa que passa pela Internet, e que se utilizam das redes sociais digitais para se promoverem. Se há conteúdo nessas obras considerado por parte da crítica como relevante, isto nem sempre vem ao caso, pois o mercado de entretenimento visa prioritariamente ao lucro.

Ao enfatizar a questão performática da voz na poesia, Paul Zumthor (2014, p. 80-81-83) afirma em pequenas teses: a voz é o lugar simbólico por excelência; a voz estabelece ou restabelece uma relação de alteridade; todo objeto adquire uma dimensão simbólica quando é vocalizado; a voz é uma subversão ou uma ruptura da clausura do corpo; a voz não é especular, a voz não tem espelho; escutar um outro é ouvir, no silêncio de si mesmo, sua voz que vem de outra parte; a voz é uma que possui plena materialidade; a voz repousa no silêncio do corpo; a linguagem humana se liga, com efeito à voz; dizendo qualquer coisa, a voz se diz; a voz é uma forma arquetípica, ligada ao sentimento de sociabilidade; a voz possui valores míticos perturbadores relacionados à ninfa Eco; voz implica ouvido. O pesquisador, então, declara:

Tais são os valores exemplares produzidos pela voz humana e sua escuta. Elas só se manifestam, de maneira fortuita e marginal, na cotidianidade dos discursos ou na expressão informativa; a poesia opera aí a extensão da própria linguagem, assim exaltada, promovida ao universal. Pouco importa que ela seja ou não entregue à escrita. A leitura torna-se escuta, apreensão cega dessa

transfiguração, enquanto se forma o prazer, sem igual. (ZUMTHOR, 2014, p. 84)

A memória da voz ou a voz da memória ecoa através dos tempos, seja pela tradição da oralidade, seja pela linguagem escrita ou pictórica. Com a Internet, as inúmeras manifestações da palavra encontraram ainda maior projeção. Não se trata apenas de um exibicionismo gratuito e aparentemente inconsequente que se nota em vídeos postados em redes sociais digitais como o Facebook, feitos por indivíduos descomprometidos com o saber ou a história. Há quem faça da rede um ponto de encontro com a tradição oral de modo cuidadoso e cultural. É o caso da atriz e contadora de histórias, Priscila Camargo²⁰. Realizadora de espetáculos teatrais nos quais destaca contos e narrativas de diversos lugares do mundo, ela se utiliza de sua página no Facebook para rememorar histórias ancestrais por meio de vídeos curtos. Ao divulgar links de vídeos ancorados no YouTube, o leitor ou internauta tem a oportunidade de fruir e se encantar com antigas histórias interpretadas por meio da voz e performance da atriz.

As redes sociais digitais também acolhem diversos poetas que se utilizam dos veículos para divulgarem seus escritos e vídeos de declamações ou performances. Entre tantos, seria interessante destacar a página no Facebook do poeta campista Artur Gomes²¹, na qual ele exhibe sua obra em textos compartilhados ou em vídeos. A poesia musicada também é um recurso bastante utilizado por ele para a promoção da arte poética. Bastante atuante em eventos culturais na cidade de Campos dos Goytacazes e em outros lugares do país, Artur Gomes pode ser exemplificado como um poeta que transita no ciberespaço com o objetivo de difundir a poesia de modo contundente. Pratica uma forma de *transliteratura* que perpassa distintas páginas do Facebook, atravessando diversos websites.

Além dos livros que publica e apresentações performatizadas em qualquer espaço público, o poeta Artur Gomes encontra nas redes sociais digitais outra possibilidade de fazer da poesia um memorial. A rede social é um ponto de encontro virtual entre pessoas sensíveis e dispostas ao diálogo, a exercerem a beleza do pensamento por meio da música e da

²⁰ Atriz brasileira especialista em contar histórias de diferentes culturas e povos, inscrita no Facebook e no canal "Priscila Camargo conta" no YouTube.

²¹ Ator e poeta nascido em Campos (RJ) em 27 de agosto de 1948, promotor cultural em diferentes frentes de trabalho que se utiliza de diversos canais na Internet para se comunicar.

palavra (poesia escrita, cantada ou declamada). Após a consagração de Bob Dylan como Nobel de Literatura, percebemos novamente que a palavra é uma força de expressão que não fica refém de papéis, livros ou de suportes digitais e fonográficos, mas que transita com a liberdade e a autoridade que possui desde as mais remotas narrativas e nos diferentes gêneros das literaturas épica, lírica e dramática. Sobre performance e literatura, Paul Zumthor (2014) afirma:

De todos os componentes da obra, uma poética da escrita pode, em alguns casos, ser mais ou menos econômica; uma poética da voz não o pode jamais. É então intencionalmente que, a partir de alguns anos, eu falo de poesia vocal em termos tais que poderíamos aplicá-los à escrita literária ou inversamente. Estou particularmente convencido de que a ideia de performance deveria ser amplamente estendida; ela deveria englobar o conjunto de fatos que compreende, hoje em dia, a palavra *recepção*, mas relaciono-a ao momento decisivo em que todos os elementos cristalizam em uma e para uma percepção sensorial – um engajamento do corpo. Ademais, parece-me que em uma tal direção compromete-se a crítica, há bem pouco e muito confusamente. O termo e a ideia de *performance* tendem (em todo caso, no uso anglo-saxão) a cobrir toda uma espécie de teatralidade: aí está um sinal. Toda “literatura” não é fundamentalmente teatro? (ZUMTHOR, 2014, p. 21)

Quando escrevemos acerca de nossas vidas e, conseqüentemente, sobre parte do mundo que retratamos, tentamos apreender e fixar registros de nossas existências. Anotações, livros, canções, poemas, fotografias, vídeos ou até mesmo páginas virtuais, sejam blogs ou redes sociais, esses vestígios de nós mesmos que vamos deixando manifestados para que não sejamos esquecidos, são possibilidades de tornar a memória vivificada e evidente com o auxílio da *palavra*: “Nem assertiva, nem categórica, a palavra que inspira e sustenta a imaginação crítica entende permanecer em aproximação direta, não sobre “o” mundo, mas sobre “este” onde estamos, mundo que somos, e que não é um mundo de verdade, mas de desejo” (ZUMTHOR, 2014, p. 102). Mesmo se esquecermos de tudo ou quase tudo, memórias nos recordarão.

3. *Considerações finais*

Nas últimas décadas, as redes sociais digitais tornaram-se instrumentos ágeis e democráticos graças à Internet. Para aqueles que dispõem de acesso facilitado à rede mundial de computadores, a comunicação social tornou-se ainda mais democrática e usual. Nesse ambiente virtual, todo conteúdo inserido pelos usuários serve de recursos para a promoção de acervos pessoais ou coletivos, além de composição de memórias. As

sugestões biográficas e autobiográficas se valem, ainda, de exhibições audiovisuais que contribuem para incontáveis narrativas em rede.

Além da performatização de textos e imagens, as redes sociais digitais reforçam a ideia do hibridismo destas expressões. O hipertexto e a leitura *online*, práticas comuns no universo da literatura eletrônica, ajudam a pensarmos o quanto a transliteratura se faz presente na rotina de bilhões de pessoas. Além de contribuir para o registro de memórias, o Facebook reúne evidências de comportamentos de leitores cada vez mais acostumados a consumir textos e literatura por meio da rede social mais popular da atualidade.

Estas constatações foram verificadas ao fim da pesquisa realizada para nossa dissertação de mestrado em cognição e linguagem, na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Mais da metade dos duzentos entrevistados (52%) considerou que o conteúdo do Facebook é um tipo de literatura. Além de permitir contar suas histórias de vida, a rede social contribui, ainda, para a divulgação e a preservação de memórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELL, Gordon; GEMMELL, Jim. *O futuro da memória: total recall*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

HAYLES, Katherine N. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*. 1. ed. São Paulo: Global: Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LEÃO, Danuza. *Quase tudo: memórias*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008

MEZRICH, Ben. *Bilionários por acaso: A criação do Facebook, uma história de sexo, dinheiro, genialidade e traição*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

NELSON, Teodore Holm. *Transliteration*. Disponível em:
<<http://www.transliteration.org>>. Acesso em: 15-11-2017.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004

VILLAÇA, Nízia. *Impresso ou eletrônico: um trajeto de leitura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.